

# Análise de Relações Internacionais: a Websérie The Crown da Netflix e as RIs

Tiago Viesba Pini Inácio<sup>1</sup>

**Resumo:** o presente artigo busca analisar as contribuições da Websérie The Crown para as Relações Internacionais (RIs), no que tange a sua contextualização teórica e histórica. Para tanto, buscou-se estudar o roteiro da série por meio da ótica de algumas categorias de análises das RIs como de *soft power*, Organizações Internacionais, hegemonia neogramsciana, o processo de descolonização africano e a criação da *Commonwealth*. Este estudo justifica-se pela tendência das teorias e abordagens de RIs estarem cada vez mais presentes no meio social e na mídia. A metodologia utilizada baseou-se na busca de bibliografia e no desenvolvimento dos conceitos utilizados, também se recorreu a artigos publicados em revistas e fontes periódicas.

**Palavras-chave:** Relações Internacionais; *The Crown*; Websérie.

---

1 Graduando do sexto período do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA) e membro do grupo de iniciação científica Redes e Poder no Sistema Internacional (RPSI). Email de contato: tiagoviesba009@gmail.com..

## 1 Introdução

A Netflix, uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*, atualmente contando com um público de mais de 100 milhões de assinantes e acessada diariamente por grande parte da população brasileira, vem desenvolvendo trabalhos que realmente merecem destaque por sua qualidade técnica e de conteúdo. Aliado a isto, pode-se observar uma tendência ascendente de introduzir temas relacionados às Relações Internacionais (RIs) no meio social, por exemplo, por meio de filmes e séries. A Websérie *The Crown*, da Netflix, pode ser apontada como uma dessas grandes produções cuja história retoma importantes discussões do meio acadêmico e que perpetuam consequências até os dias atuais.

Este artigo buscará, assim, analisar essa série por meio ótica de algumas categorias de análises das RIs, bem como alguns de seus conceitos, com o intuito de compreender determinados episódios do Sistema Internacional (SI) que foram utilizados no roteiro da série. Para tanto, como tentativa de facilitar o entendimento, dividiu-se este trabalho em cinco seções. Na primeira, será exposto parte do roteiro da série, algumas informações relevantes sobre sua história, seus principais personagens e será feita uma construção inicial de seu diálogo com as RIs – por exemplo, em relação ao uso da diplomacia cultural por uma Websérie.

Na sequência, analisar-se-ão quatro grandes eixos desse meio acadêmico que foram introduzidos na série. Assim, na segunda seção, será debatida a construção, a estrutura e, também, a importância histórica da *Commonwealth of Nations*. Sob a luz das teorias de análise a respeito das Organizações Internacionais (OIs) de Monica Herz e Andrea R. Hoffmann. Dessa forma, se buscará com isto, juntamente com a terceira seção, analisar a contextualização teórico-histórica na qual a série está inserida.

Assim sendo, num terceiro momento, caberá a construção do conceito de *Soft Power* de Joseph Nye, bem como será analisado seu uso dentro da Comunidade das Nações como forma de busca de legitimidade e liderança, por parte do Reino Unido, na tentativa de manutenção dos seus antigos laços coloniais. Junto a isto, será analisada a reestruturação de alguns princípios do SI, como o princípio da

autodeterminação dos povos e sua base para os movimentos de descolonização da África e da Ásia.

Já na quarta seção, será abordada a Crise do Canal de Suez (1956) frente à atuação da ONU e sob o escopo de algumas teorias a respeito das OIs. Essas Instituições Internacionais tiveram seu boom com o final da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945) justamente por terem sido utilizadas como base da nova modelação do SI, sendo sua importância para as RIs percebida até os dias atuais.

Por fim, será discutida a ascensão da hegemonia americana, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, e seus eventuais valores transmitidos para o SI. Para tanto, utilizou-se do conceito de hegemonia presente na abordagem neogramsciana das RIs. A metodologia proposta é desenvolvida a partir de materiais publicados em livros, artigos, dissertações e jornais para que se possam consolidar os principais conceitos apresentados e utilizados na construção das análises em questão.

## **2 O Roteiro da Série e as Relações Internacionais**

*The Crown* é uma série de televisão de drama biográfico fictício, inspirada em fatos reais, criada e escrita por Peter Morgan – com a ajuda de Stephen Daldry - para a Netflix. A série acompanha a história da Rainha Elizabeth II e dos primeiros-ministros que, juntos, deram forma à Grã-Bretanha depois da Segunda Guerra Mundial. *The Crown* narra os acontecimentos internos de dois famosos endereços do mundo: o Palácio de *Buckingham* - residência oficial da Família Real Britânica em Londres e o principal local de trabalho do Monarca do Reino Unido - e *10 Downing Street* - residência oficial e o escritório do primeiro-ministro do Reino Unido enquanto sede do governo de Sua Majestade. A série inclui também, em seu roteiro, as intrigas, romances e esquemas por trás de importantes eventos que moldaram a segunda metade do século XX. É importante ressaltar, contudo, que, por se tratar de uma ficção, o roteiro foi redigido conforme a livre interpretação dos autores.

O debate a respeito do uso de produtos culturais e de qual forma estes influenciam as relações internacionais pode ser entendido através do uso da chamada diplomacia cultural. É importante levarmos em consideração a velocidade com que as informações atravessam o globo, a tecnologia de fácil acesso e utilizada

diariamente por milhares de pessoas, bem como o vasto intercâmbio entre povos e culturas. Ou seja, de acordo com Bijos e Arruda (2010) toda uma rede de ações a que chamamos de globalização da informação, dos costumes e da tecnologia, surge à possibilidade de construção de um fluxo de trocas culturais realizadas em favor das relações diplomáticas. O objetivo do Estado, segundo Bijos e Arruda, torna-se evidente,

[...] em função da emergência do fator cultural que procura ampliar essas avenidas espontaneamente abertas pelos homens, multiplicando suas interligações culturais e por meio delas, prover seus cidadãos de novas ideias, da imposição de produtos e as perspectivas de alianças que ultrapassam as fronteiras nacionais (BIJOS e ARRUDA, 2010, p.36).

De acordo com Machado (2012) a cultura, nesse sentido, pode desempenhar um papel importante na superação de barreiras, na promoção da cooperação e na redução de desconfianças mútuas, ao ser utilizada como forma de (des)construir imagens e ideias preconcebidas, oriundas de processos históricos mais profundos. Sendo assim, ainda segundo o autor (MACHADO, 2012, p. 19-22), a diplomacia cultural é responsável por criar e implementar projetos nos quais a cultura será difundida, atuando na defesa dos valores nacionais, visando à inserção internacional daquele país. Exemplos dessa dinâmica forma de inserção são: o uso de programas de rádio, a artes de uma forma geral, a televisão, a internet, etc. A cultura de um país, dessa forma, representa sua identidade, aquilo que o difere de outras nações, o que torna cada país único.

No campo de estudo das RIs, ela significa a primeira imagem do país, a apresentação para a manutenção de relações com outras nações, o cartão de boas-vindas. De acordo com Bijos e Arruda (2010, p.38), “a cultura, entendida como instrumento diplomático de política externa proporciona ao Estado facilidades de inserção internacional de uma forma mais amena”. Nas palavras de Joseph Nye, este ator, o Estado, estaria utilizando-se da ideia de *soft power* – conceito que será melhor aprofundado nas seções a seguir.

Ao traçar a vida da Rainha Elizabeth II do Reino Unido a partir de seu casamento em 1947 até aos dias atuais, *The Crown* ganha o segundo lugar de drama mais caro já produzido pela empresa de *streaming* Netflix e o primeiro a ser realizado no Reino Unido. Sendo esperado um total de 60 episódios, ao longo

de seis temporadas. A série já tem recebido aclamação da crítica, pelas atuações, direção, roteiro, fotografia e a precisão histórica dos eventos durante o reinado da Rainha Elizabeth II.

A primeira temporada foi disponibilizada em 4 de novembro de 2016 e contém dez episódios. Elogios significativos desta temporada centraram-se principalmente nas atuações de Claire Foy como a personagem principal e John Lithgow como Winston Churchill. A segunda temporada estreou em 8 de dezembro de 2017, também com um total de dez episódios. Vale destacar que a série recebeu significativas indicações a importantes prêmios do meio artístico e cinematográfico, levando para casa alguns dos troféus<sup>2</sup>.

O elenco não deixa a desejar, muito pelo contrário, ele conta com a participação de algumas figuras que já haviam interpretados outros papéis da realeza em trabalhos anteriores: Claire Foy como a Rainha Elizabeth II; Matt Smith como o Príncipe Philip (o Duque de Edimburgo, seu marido); Jared Harris como o Rei George VI (pai de Elizabeth e que possui no filme, “O Discurso do Rei”, uma obra que trata especificamente sobre como ele chega ao trono); Vanessa Kirby como Princesa Margaret (a irmã mais nova de Elizabeth); John Lithgow como Winston Churchill (um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial); Victoria Hamilton como a Rainha Elizabeth, a Rainha Mãe (esposa do Rei George e mãe das irmãs); Alex Jennings como Edward Duke of Windsor (o Duque de Windsor, tio de Elizabeth, irmão mais velho do Rei George VI); entre outros personagens que dão sustentação a realidade social e política da Rainha.

The Crown tem início com a morte do Rei George VI em 1952 e a ascensão de Elizabeth, sua filha mais velha e herdeira do trono, à Coroa (The Crown) em 1953. Naquele momento, a jovem rainha era recém-casada com o Duque de Edimburgo - desde 1947 - e ainda estava se preparando para a ideia de assumir o trono. Muito embora, ela já possuía noção que herdaria a Coroa de seu pai desde muito cedo, uma vez que sua vida fora construída e moldada para que pudesse

---

2 The Crown recebeu o Globo de Ouro de Melhor Série Dramática e também o Globo de Ouro de Melhor Atriz em Série Dramática, para Claire Foy, em 2017. Já em 2018, a série levou o prêmio Emmy Primetime de Melhor Elenco em Série Dramática e de Melhor Atriz em Série Dramática para Claire Foy.

assumir esse papel. Sendo que, seu reinado ganha significativa importância devido ao próprio contexto histórico das RIs daquela época.

O pós-Segunda Guerra Mundial representou um momento histórico, como dito na série, de grandes mudanças – um verdadeiro choque entre o Velho Mundo, consagrado na figura da Coroa, e o Moderno, onde a exceção dos regimes políticos vigentes passa a não ser mais das Repúblicas e sim, das Monarquias. A Rainha Elizabeth II deve, em todos os momentos, procurar responder duas perguntas: qual o propósito da existência da Coroa nesse Novo Mundo, marcado pelas democracias? Ao mesmo tempo, qual seria o papel a ser exercido pelo próprio Reino Unido? Pois com o início da Guerra Fria (1947 -1991), a figura do “Império onde o Sol nunca se põe” como a hegemonia mundial, já não fazia mais sentido nesse novo SI que se configurava (SUNKEL, 1999, p.182).

O Império Britânico foi o maior império em extensão de terras descontínuas do mundo. Sendo composto por domínios, colônias, protetorados, mandatos e territórios governados ou administrados pelo Reino Unido. Sua origem remete às colônias ultramarinas e entrepostos estabelecidos pela Inglaterra no final do século XVI e início do século XVII. No seu auge, foi o maior império da história e, por um século aproximadamente (entre 1815 e 1915), foi a principal potência mundial - período que compreende a Pax Britânica, ou seja, a hegemonia britânica. Em 1920, o Império dominava cerca de 458 milhões de pessoas (FERGUSON, 2003, pp.13), um quarto da população mundial na época; e abrangia mais de 35.500.000 km<sup>2</sup>, quase 24% da área total do Planeta Terra (HOBSBAWM, 2008, pp.2). Como resultado, seu legado político, cultural e linguístico é indiscutível. No auge do seu poder, foi dito muitas vezes que “o sol nunca se põe no Império Britânico”, isto em consequência de sua extensão ao redor do mundo que garantia que o Sol sempre estivesse brilhando em pelo menos um de seus numerosos territórios.

Para fins deste trabalho, dividiu-se, de forma arbitrária e com intuito de pura análise acadêmica, a realidade social e política da vida da Rainha Elizabeth II em três planos, mas destaca-se que tais eixos estão intrinsecamente ligados durante os acontecimentos no seriado. No primeiro, temos a vida privada da Rainha junto a Família Real. Seus papéis como mãe, esposa, irmã, filha e amiga serão frequentemente colocados em cheque devido ao seu trabalho principal - representar a Coroa.

Uma questão aqui abordada pela série é como muitas das pessoas mais próximas a Rainha procuram insinuar que saberiam governar melhor do que ela.

Em segundo plano, temos seu papel como força política da Inglaterra, ou seja, seus frequentes embates com líderes religiosos, políticos e sindicalistas do período – aqui ressaltamos o posicionamento, muitas vezes machista, de alguns desses líderes em relação à atuação da Coroa, representada na figura feminina de Elizabeth. Além, é claro, de sua estreita relação com o primeiro-ministro do Reino Unido do momento, o qual realizava encontros semanais com a Rainha. Nesses encontros privados é dada à Coroa o papel de aconselhá-lo em relação aos mais diversos assuntos internos ou externos do seu reinado.

Por fim, no terceiro eixo, temos a figura de Elizabeth II como a última herdeira do “Império onde o Sol nunca se Põe” e seus relacionamentos com líderes políticos internacionais. Nesse plano, ocorrem as crises do SI do período em questão. Apesar do papel da Coroa não ser tão relevante para os assuntos internacionais, sendo estes deixados mais para os planos de fundo, alguns episódios do SI, retratados na série, pedem uma instintiva ação da Rainha. Vossa Majestade ainda carrega a imagem da Pax Britânica e suas consequências que se desenrolam até os dias atuais. Não obstante, no momento histórico em questão, essa imagem entra em choque com o processo de descolonização das antigas colônias na África e Ásia (SEITENFUS, 2013, pp.33).

The Crown foi muito elogiada, como já mencionado, pela precisão histórica dos eventos durante o reinado da Rainha Elizabeth II. Neste trabalho, analisaremos três desses episódios do SI que serviram como plano de fundo da série; no entanto, ao fazermos uso de certas teorias de análise das RIs e alguns de seus conceitos, bem como uma abordagem histórica, poderemos desvendar algumas dessas pequenas referências que aparecem no roteiro da série.

### 3 O Histórico de Surgimento da Comunidade das Nações

Um dos pontos marcantes de *The Crown* são as famosas viagens realizadas pela Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo as Nações do *Commonwealth*. A *Commonwealth of Nations*, normalmente conhecida como *Commonwealth*, é uma organização intergovernamental composta por 53 países membros independentes.

Todas as nações membros da organização, com exceção de Moçambique, Ruanda e Namíbia, faziam parte do Império Britânico, do qual se originaram e mais tarde, desmembraram durante o processo de descolonização do continente africano com o final da Segunda Guerra (ALTAM, 2012).

A *Commonwealth* não representa uma união política, mas sim uma Organização Internacional (OI), ou seja, um mecanismo internacional de cooperação, aderido de forma voluntária por Estados soberanos. Através dele, essas entidades políticas, os países, com suas diversas origens sociais, políticas e econômicas são considerados como iguais em status (SEITENFUS, 2013, pp.92-95). De acordo com Herz e Hoffmann (2004, pp.17-40) em “Organizações Internacionais: história e prática”, uma OI caracteriza-se como um dos mecanismos mais institucionais de ordem do SI, uma vez que possuem uma sede (estrutura) própria, funcionários que trabalham especificamente para ela e também, uma autonomia secundária, derivada dos seus próprios Estados-membros.

Sua origem remete a Declaração de Balfour na Conferência Imperial de 1926, onde a Grã-Bretanha e seus domínios concordaram que eram “iguais em status, em que ninguém os subordina em qualquer aspecto de seus assuntos internos ou externos, embora unidos pela fidelidade comum a Coroa, e livremente associados como membros da Comunidade de Nações”. Estes aspectos da relação foram formalizados pelo Estatuto de *Westminster* em 1931 (STATUTE OF WESTMINSTER, 1931).

Entretanto, a *Commonwealth* atual foi formalmente constituída pela Declaração de Londres em 1949, que modernizou a comunidade e estabeleceu os Estados-membros como “livres e iguais”, com a figura do Rei George V (avô da Rainha Elizabeth II) que se tornou o primeiro símbolo dessa associação livre de nações até sua morte em 1936 (COMMONWEALTH SECRETARIAT, 2011b). Sucedido pelo seu filho, Rei George VI, pai de Elizabeth II, que se tornou o novo símbolo da associação livre até sua morte em 1952 (COMMONWEALTH SECRETARIAT, 2011a).

As atividades da *Commonwealth* são realizadas através do permanente Secretariado da *Commonwealth*, chefiado pelo Secretário-Geral, e por reuniões bienais entre os chefes de Governo da *Commonwealth* (representantes de cada



Estado-nação independente que faz parte da organização). O símbolo da sua associação livre é representado na figura do chefe da *Commonwealth*, que é uma posição cerimonial ocupada, desde a sua ascensão ao poder aos dias atuais, pela Rainha Elizabeth II (COMMONWEALTH SECRETARIAT, 2011a).

A Rainha também é a monarca em 16 países membros da *Commonwealth*, que são conhecidos como os Reinos da *Commonwealth*. Esses países caracterizam-se por serem monarquias constitucionais parlamentaristas cujo Chefe de Estado é o próprio monarca do Reino Unido. Contudo, mesmo com o chefe de Estado compartilhado, os países e seus governos são totalmente separados e independentes em relação ao Reino Unido (BOURNE, 2010, pp.37,38,46).

Ao longo de sua vida, a Rainha Elizabeth II testemunhou a contínua transformação do Império Britânico na *Commonwealth* de Nações. Na época de sua ascensão, entre 1952-1953, seu papel como chefe de Estado dos vários países independentes, os Reinos da *Commonwealth*, já fora estabelecido. Ela realizou visitas oficiais a vários deles durante seu reinado, sendo a chefe de Estado que mais viajou em toda história.

Durante os 10 episódios da primeira temporada, o casal Real promove duas grandes viagens ao *Commonwealth*. Já na segunda temporada, o Duque de Edimburgo embarca em uma viagem para a promoção dos Jogos da *Commonwealth* - uma das organizações não governamentais<sup>3</sup> dentro da OI. Essas têm o papel de fortalecer a cultura compartilhada da *Commonwealth*, que se estende através do esporte comum, patrimônio literário e práticas políticas e jurídicas. Nesse sentido, a viagem do Duque possuía como um dos destinos, a Abertura dos Jogos de Melbourne, na Austrália, em 1956, bem como a visita a várias nações da *Commonwealth*.

## 4 O Uso do Soft Power e a Comunidade das Nações

Mas então, qual o propósito de tantas visitas promovidas pela Coroa? Podemos pensar nessa questão a partir do conceito de *Soft Power* de Joseph Nye.

3 As Organizações Não Governamentais (ONGs) são associações civis, sem fins lucrativos, de direito privado e de interesse público. Elas podem atuar nas áreas da saúde, educação, assistência social, econômica, ambiental, entre outras, em nível local, estadual, nacional e internacional. Assim, apesar de não pertencerem ao Estado, ofertam serviços sociais, geralmente de caráter assistencial, que atendem a um conjunto da sociedade maior do que apenas seus fundadores e/ou administradores (SEBRAE, 2018).

Segundo Nye em “Soft Power: The Means to Success in World Politics” (2004a), este conceito é definido fundamentalmente como uma capacidade persuasiva de poder, ou seja, a capacidade de um Estado obter algo através de um efeito de atração e não por coerção ou pagamento, e baseia-se fundamentalmente no potencial atrativo da universalidade da cultura de um país, dos valores políticos, e das suas políticas. Este poder tem, assim, uma lógica indireta. Em contextos de interdependência complexa, os Estados deverão, portanto, considerar outros critérios para a manutenção dos ideais de segurança e defesa.

Assim, tal conceito, “prevê a ação [do Estado] mediante a persuasão, o que implica a adoção de princípios estratégicos que combinam elementos simbólicos ou culturais de referência com valores políticos ou ideológicos que reforçam lideranças” (BRITO, 2010, p.188). Em outras palavras, *Soft Power* diz respeito a um poder brando, a capacidade de um país de influenciar e persuadir por meio de seu poder de inspiração e atração, em contraposição ao poder militar ou de coerção - *Hard Power*<sup>4</sup>. Esse poder suave de ação do Estado pode utilizar-se, da educação, de características históricas ou culturais, eventos esportivos, e possui como orientação a tentativa de buscar legitimação para tal ator e, consequentemente, um lugar de liderança no SI. De acordo com, Bijos e Arruda:

Esse poder brando nos é concedido pela academia, através da extensão, e é projetada para relações que atendem tanto o público quanto o privado, como uma plataforma que garantirá a eficácia de políticas, efetivadas no seio da sociedade [ou no SI] (BIJOS E ARRUDA, 2010, p.38).

Em *The Crown*, as constantes visitas promovidas pela Coroa às Nações do *Commonwealth*, bem como os discursos de Natal da Rainha, procuram, nas palavras de Elizabeth II “[...] todos esses [as Nações do *Commonwealth*] são Territórios Britânicos Ultramarinos e têm que de ser visitados de vez em quando, para não se sentirem abandonados nem esquecidos e não terem ideias sobre independência” (THE CROWN, 2017b).

---

4 Nye (2004) define Hard Power pela combinação de capacidade militar e capacidade econômica. “Parece ser consensual que o Hard Power consiste na capacidade, evidenciada por um país, de atingir objetivos delineados através do uso da força física ou da influência econômica recorrendo, com frequência e de forma eventualmente eficaz, mas não garantida, à força militar” (BRITO, 2004, p.118).

Desta forma, a criação do *Commonwealth*, pelo Rei George V, já se insere num contexto do Reino Unido de buscar a manutenção de suas posses coloniais, não necessariamente com o uso da força bruta, mas acima de tudo a partir da ideia de legitimação e/ou liderança. Isto, pois, de forma mais contundente a partir da Segunda Guerra Mundial, as regiões que eram colônias passam a buscar sua independência política em relação às metrópoles, adotando o chamado princípio da autodeterminação dos povos (SEITENFUS, 2013, p.30-32). Em *The Crown*, temos ainda o exemplo da Rodésia, uma ex-colônia britânica que possuía intenções nacionalistas de sair do *Commonwealth*, necessitando da ação contundente da Rainha Elizabeth II para a resolução da questão.

A ratificação da Carta das Nações Unidas em 1945, depois do fim da Segunda Guerra, inseriu o direito de autodeterminação no âmbito do direito internacional e diplomático. O princípio da autodeterminação dos povos está contemplado no Capítulo 1, Art. 1º da Carta das Nações Unidas. Este princípio garante a todo povo de um país o direito de se autogovernar, realizar suas escolhas sem intervenção externa, exercendo soberanamente o direito de determinar o próprio estatuto político. Em outras palavras, é o direito que o povo de determinado país tem de escolher como será legitimado o direito interno sem influência de qualquer outro país (ONU, 1945).

Dito isso, podemos perceber como a necessidade da geração das ideias de legitimidade e liderança, através do *Soft Power*, traduziram-se na orientação da estrutura do *Commonwealth*, uma vez que seus Estados-membros passam a cooperar num quadro de valores e objetivos comuns, conforme descrito na Declaração de Cingapura de 1971. Esses incluem a promoção da democracia, direitos humanos, boa governança, Estado de Direito, liberdade individual, igualitarismo, livre comércio, multilateralismo e a paz mundial. E sendo a Grã-Bretanha, na figura do Monarca, o símbolo dessa associação livre de Nações, mantêm-se, assim, vínculos políticos, econômicos e culturais com suas ex-colônias por meio do uso do poder suave (COMMONWEALTH SECRETARIAT, 1971).

## 5 A Crise do Canal de Suez e a ONU

Outro ponto que aparece na série foi a chamada Crise do Canal de Suez de 1956, a qual se dá no começo da segunda temporada e insere-se no contexto de descolonização do continente africano durante os primeiros anos da Guerra Fria, bem como de reivindicações do princípio da autodeterminação dos povos. O evento desenrolado na série é historicamente correto e demonstra de forma clara as articulações das antigas metrópoles, dentro do SI, na tentativa da manutenção de seus privilégios coloniais. Contudo, essas esbarram em um SI reorganizado, o qual passa a se pautar na igualdade soberana entre os Estados, concomitante com a atuação da ONU e o próprio conflito da Guerra Fria – levando a lógica da segurança internacional a outros níveis.

Com o fim da Segunda Guerra, temos o início dos processos de descolonização das ex-colônias europeias. Para tanto, esses povos passam a se utilizar do princípio da autodeterminação dos povos contra suas metrópoles imperiais. No período em questão, Egito e outras Nações árabes haviam conquistado recentemente sua independência política das potências europeias - Grã-Bretanha e França. Estas Nações jovens, com culturas e histórias antigas, se esforçam na tentativa de superar as dependências econômica e militar e fazerem valer seus direitos políticos como povos livres (SILVA e MELLO, 2002a).

A crise tem início em julho de 1956 quando o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser (interpretado pelo ator Amir Boutrous) decide pela nacionalização do Canal de Suez, a única ligação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho e principal escoadouro de petróleo dos países árabes para o continente europeu (SILVA E MELLO, 2002b). Como destacado por Ferrer e Matos (2006, p. 43-44), “até então, Suez, estivera sob o controle de capitais privados de origem principalmente britânica e francesa”.

Insatisfeitos com a decisão e temerosos com a ascensão do nacionalismo pan-arabista defendido por Nasser, França e Grã-Bretanha decidem promover uma intervenção militar punitiva na região com o objetivo de reafirmar o controle dessa hidrovia vital para as suas empresas, expulsas pela nacionalização. Por sugestão da

França, o planejamento foi coordenado com Israel, um fato trabalhado na série (ZANATTA, 2012, p.36-37).

Assim, em outubro de 1956, Israel invade o Sinai, península pertencente ao Egito e, em novembro do mesmo ano, tropas britânicas e francesas ocupam a região e assumem o controle militar sobre o canal – com a justificativa de restabelecer a paz local e promover um cessar fogo. Contudo, a manobra, que possuía clara motivação imperialista, repercutiu muito mal junto à opinião pública mundial, particularmente junto aos demais Estados membros da ONU e às potências mundiais da Guerra Fria - Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Ainda durante os meses de outubro e novembro do mesmo ano, “o Conselho de Segurança da ONU exigiu, com votos favoráveis dos EUA e da URSS, a retirada militar da França, Grã-Bretanha e Israel, e decidiu enviar uma Força Internacional de Paz ao canal, que foi reaberto em 1957” (SILVA E MELLO, 2002b, p.1).

Em *The Crown*, a crise se dá durante o governo de Anthony Eden (interpretado pelo ator Jeremy Northam) como primeiro ministro inglês e sucessor de Churchill. Sua opção pela invasão se deu de forma unilateral e sem o consentimento da opinião internacional ou do Conselho de Segurança da ONU. Como afirma o Ministro das Relações Exteriores de seu governo (THE CROWN, 2017) “ele [o primeiro ministro] parece se esquecer de que não pode haver ação militar sem apoio da ONU. Apoio que nós não temos! Não podemos ir à guerra sozinhos”<sup>5</sup>. Assim, após o início da ação militar, rapidamente a ONU, os EUA e a URSS se colocam contra a intervenção, o que levou a perda da legitimidade britânica e a necessidade da retirada das tropas (ZANATTA, 2012).

A série ainda nos depara com o posicionamento da Rainha Elizabeth II: no início da crise, apesar de estar ciente dos acontecimentos, a monarca, de primeira-mão, não sabia das negociações entre Grã-Bretanha, França e Israel. Quando

---

5 Como afirmado por Jonathan Person, “Em outubro, quando Eden estava mental e fisicamente exausto, ele se viu cercado de conselhos belicosos. A visão do Ministério das Relações Exteriores foi “manchada” por Kirkpatrick. Eden estava convencido de que ele não sabia da oposição de Anthony Nutting [Ministro das Relações Exteriores] ao uso da força” (PEARSON, 2003, pp.142, tradução livre).

“In October, when Eden was mentally and physically exhausted, he found himself surrounded by bellicose advice. The view of the Foreign Office had been ‘tainted’ by Kirkpatrick. Eden was adamant that he was unaware of Anthony Nutting’s [Minister of Foreign Affairs] opposition to the use of force” (PEARSON, 2003, pp.142).

Elizabeth ganha conhecimento, mostra-se relutante a ação britânica, mas acaba apoiando o primeiro-ministro. Não obstante, ao passo em que a situação se mostrou humilhante para os ingleses, Eden acabou renunciando dois meses depois ao cargo (ZANATTA, 2012, p.42).

A Crise do Canal de Suez, como demonstrado na série, permite o entendimento dessa nova configuração do SI. Uma vez que França e Reino Unido mostraram-se dispostos a adotar ações unilaterais, como uma intervenção militar, ambos se depararam com uma estrutura institucional, apoiada pelas novas potências da época – EUA e URSS - e capaz de gerar a paz. Assim, podem-se observar como as OIs de segunda geração, as surgidas pós-1945, como a ONU, representam mecanismos que geram uma ordem dentro do SI, diminuindo tensões entre os Estados e as relações desiguais, bem como auxiliam no processo de maior cooperação para a Governança Global<sup>6</sup>.

## 6 O Choque entre as Hegemonias

Por fim, na segunda temporada, certo evento retratado na série gerou uma cena interessante: a visita do Presidente dos EUA, John F. Kennedy (interpretado pelo ator Michael C. Hall) e sua esposa, Jackie Kennedy (interpretada pela atriz Jodi Balfour), ao Palácio de Buckingham em junho de 1961. O encontro em si não é tão relevante para as RIs, já que atos como visitas entre chefes de Estado são bem comuns - ainda mais entre Reino Unido e EUA, aliados históricos no SI. Contudo, uma vez que *The Crown* busca mostrar os bastidores por trás da vida pública e privada da Rainha Elizabeth II, os roteiristas não deixaram passar uma cena icônica.

Nesse determinado encontro, deixando de lado os problemas pessoais da Rainha e o enfoque dado à série ao choque ocorrido entre vossa Majestade e Jackie, um diálogo em específico pode ser interpretado, sobre a ótica das RIs, de uma forma relativamente complicada. No momento desse encontro entre os

---

6 “[...] [governança global] está relacionada a outros elementos que indicam a existência de certa ordem, ainda que na ausência de governo central. Esses elementos estão ligados aos atores e às agendas do sistema internacional, que foram ampliados e diversificados com o fim da Guerra Fria. Portanto, o conceito de governança global é caracterizado pela sua amplitude e por isso é comumente tratado por meio de uma de suas interfaces [...] Dado que governança global é materializada por meio da multiplicidade e diversidade de atores e agendas do sistema internacional [...]” (MAUAD, 2016 p.17).

chefes de Estado e seus companheiros temos: a Rainha Elizabeth II e o Duque de Edimburgo de um lado (representando as tradições da antiga Pax Britânica e o dito Velho Mundo); e o Presidente Kennedy e sua esposa Jackie do outro (estes representando o período da hegemonia norte-americana - a Pax Americana - e o Mundo Moderno da Guerra Fria).

Gestos simples como um aperto de mãos e palavras certas podem causar uma boa primeira impressão. Contudo, em *The Crown*, tais atos levaram as apresentações entre os personagens a uma situação desconfortante para todos os britânicos que se encontravam na Sala de Estar Azul do Palácio de *Buckingham* naquele dia. Quando a Rainha Elizabeth II recebe o Presidente Kennedy e sua esposa, era esperado que os americanos seguissem o protocolo de apresentações e cumprimentos reais, os quais eram exigidos e seguidos de forma rígida pelos convidados que iam ao Palácio, fazendo parte da cultura e da história do Reino Unido.

No entanto, não se sabe se de forma inocente ou proposital, Kennedy e Jackie não agiram da forma exigida pelo protocolo. No momento inicial da conversa, a esposa do presidente, de forma inesperada, assume a frente, cumprimentando a Rainha antes do seu marido - o que está errado, uma vez que a ordem correta seria o presidente tomar a iniciativa. Como se não fosse o único erro, Jackie ainda não se reverência perante Elizabeth, deixando a monarca abismada.

Além disso, ambos dirigiram-se erroneamente ao casal real, utilizando-se de pronomes de tratamentos diferentes aos que constavam no protocolo. Em suma, eles não souberam eleger os títulos reais dos britânicos. Por fim, após os cumprimentos, a Rainha dá permissão para eles continuarem a visita, contudo, Kennedy acaba por oferecer o caminho para sua esposa, a qual toma a frente da Coroa. Nesse momento, a monarca, o Primeiro-ministro e todos seus assessores, encontram-se de “queixos-caídos” com a falta de reconhecimento perante as tradições britânicas, o que leva a Rainha expressar um total deboche da situação.

Pode-se pensar nessa situação em específico, retratada na série, como o encontro entre a antiga hegemonia mundial e a nova hegemonia recém-ascendida. Entretanto, o que significa hegemonia? E qual seu significado para as RIs? O termo foi criado pelo filósofo italiano Antonio Gramsci e pode ser traduzido como afirma Gill:

[‘hegemonia’] é a capacidade que um grupo social possui para exercer uma função de “direção política e moral” na sociedade, onde, outros grupos reconhecem que tal grupo hegemônico tem um papel de liderança na sociedade, onde um consenso político relativamente amplo apoia seus objetivos (GILL, 1990, p. 205).

Dessa forma, o grupo hegemônico lidera tanto por responder aos interesses de seus aliados e às suas motivações, derivadas de suas posições no modo de produção, quanto por responder e ajudar a dar forma às “aspirações” ideais que surgem na sociedade civil. A teoria neogramsciana das RIs é uma perspectiva teórica-metodológica desenvolvida pelo cientista político canadense Robert W. Cox. O autor utiliza do conceito de hegemonia desenvolvido por Gramsci, aplicando-o às RIs: segundo Cox em “Forças Sociais, Estados e Ordens Mundiais: além da teoria das relações internacionais” (1981), a hegemonia de um Estado no SI representa, a priori, a hegemonia de um determinado grupo social, sua cultura e de uma “ordem mundial”. Contudo, esta deve ser uma “dominação consentida”, pois a utilização da violência não representa uma hegemonia - quem sofre a relação hegemônica não sente que está sendo dominado; os domínios econômicos e políticos apenas representam uma supremacia.

Para os neogramscianos, uma hegemonia mundial pode ser definida como três estruturas simultâneas: uma social, uma econômica e uma política; não podendo ser apenas uma dessas estruturas – deve ser todas as três ao mesmo tempo. Além disso, existem dois pilares básicos de instrumentos de poder de uma hegemonia: uma ideologia e as OIs – estas configuradas como fóruns de discussão e disseminação de valores hegemônicos (GILL, 2007).

De acordo com Cox (1981), a construção de uma hegemonia mundial se dá pela dominação de um grupo social das capacidades materiais, das ideias e das instituições (econômicas, políticas, culturais e a tecnologia), em que cada um desses elementos mantém a supremacia do outro e a essa estrutura dá-se o nome de Bloco Histórico. Mas para que isso ocorra, um determinado grupo social consolidado deve estabelecer, primeiramente, uma hegemonia no ambiente interno (a partir dessas capacidades materiais que representam a gênese da dominação no campo nacional).

Dentro da lógica de um capitalismo produtivo, estabelecem-se determinadas formas de Estados, orientados pelas forças sociais, e que culminam numa Ordem



Mundial – tudo isso, com o intuito dessa hegemonia interna disseminar seus valores no SI. Assim, segundo Cox (1981), para se tornar hegemônico um Estado deve fundar e proteger uma ordem mundial universal em termos de concepção, ou seja, uma ordem em que a hegemonia não explore outros Estados diretamente, mas na qual a maioria desses possa considerá-la compatível com seus interesses.

Se o *hegemon* perde a capacidade de exercer sua hegemonia através da persuasão (dominação consentida pelas demais Nações do mundo), automaticamente perde sua capacidade hegemônica. Quando uma Nação se impõe sobre as demais no SI unicamente pela força - *Hard Power* -, ela se transforma em Império (GILL, 2007).

Dito isso, pode-se observar, como retratado em *The Crown*, como os antigos valores britânicos, com o início da hegemonia americana, após 1945, deixaram de ser relevantes para o SI. O encontro entre chefes de Estados - os maiores representantes diplomáticos dos países - demonstrou como os novos valores disseminados na cultura internacional, seriam justamente, os pertinentes a essa nova Pax Americana. Não existindo mais espaço para, por exemplo, protocolos de tratamento britânicos e sim, uma amostra do chamado “American Way of Life”<sup>7</sup>.

## 7 Considerações Finais

Portanto, a Websérie *The Crown*, da Netflix, permite a observação de alguns traços das mudanças do SI após o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, bem como o eventual declínio da Europa Ocidental, especialmente da Grã-Bretanha. Paralelamente a construção da biografia da Rainha Elizabeth II, pode-se analisar o surgimento da ONU e da hegemonia americana, bem como a reformulação de alguns princípios que regem as relações internacionais, como

---

<sup>7</sup> O American Way of Life é a expressão aplicada a um estilo de vida que funcionaria como referência de autoimagem para a maioria dos habitantes dos EUA. Seria uma modalidade de comportamento dominante e expressão da essência nacionalista desenvolvido a partir do século XVIII, cuja base é a crença nos direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade, como direitos inalienáveis de todos americanos, nos termos da Declaração de Independência. Durante a Guerra Fria, a expressão era muito utilizada pela mídia para mostrar as diferenças da qualidade de vida entre as populações dos blocos capitalista e socialista. Naquela época, a cultura popular americana abraçava a ideia de que qualquer indivíduo, independente das circunstâncias de sua vida no passado, poderia aumentar significativamente a qualidade de sua vida no futuro através de determinação, do trabalho duro e da habilidade. Politicamente, o American Way implica a crença da “superioridade” da democracia americana, fundada no livre mercado e na competição sem limites (CUNHA, 2017).

o princípio da autodeterminação dos povos que desencadeou os movimentos de descolonização dos continentes africano e asiático. Além disso, *The Crown* permite a observação de como o uso da chamada diplomacia cultural pode ser relevante para a manutenção de determinadas imagéticas das RIs.

Os roteiristas da série souberam posicionar determinados episódios das RI de forma bem específica durante os acontecimentos da série, entretanto, se percebidos sobre a ótica de algumas categorias de análises das RIs e alguns conceitos, esses podem ser facilmente decifrados. Não obstante, embora tais episódios do SI não representem o foco da história, eles com certeza conferem a série um tom de seriedade e posicionamento histórico. A Netflix ainda possui o projeto de contar a história por trás do reinado de Vossa Majestade até os dias atuais, podendo ser esperadas outras representações das RIs que marcaram a segunda metade do século XX e o início do século XXI.

### **Analyzes of International Relations: the Web Series The Crown of Netflix and the IR**

**Abstract:** This paper analyzes the contributions of the web series The Crown for the International Relations (IR), in terms of their theoretical and historical contextualization. In order to do so, we sought to study the script of the series through the perspective of some categories of IR analysis such as Soft Power, International Organizations, neogramscian hegemony, African descolonization and the creation of Commonwealth. This study is justified by the tendency of IR theories and approaches to be increasingly present in the social environment and in the media. The methodology used was based on the search for bibliography and the development of the concepts used, as well as resorting to articles published in journals and periodical sources.

**Keywords:** The Crown; International Relations; Netflix; Soft Power; International Organizations; Hegemony.

## Referências

ALTAM, Max. *Opera Mundi*. Associação formada por ex-membros do Império Britânico para promover o livre comércio e a harmonização de políticas. Seção: História, 2012. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/historia/25927/hoje-na-historia-1931-parlamento-britanico-aprova-criacao-do-commonwealth>>. Acesso: 02 set. 2018.

BIJOS, Leila; ARRUDA, Verônica. *A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira*. Revista Diálogos: a cultura como dispositivo de inclusão, Brasília, v.13, n.1, ago, 2010.

BOURNE, Richard. *Commonwealth of Nations: Estratégias Intergovernamentais e Não governamentais para a Proteção dos Direitos Humanos em uma Instituição Pós-colonial*. São Paulo: SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 7, n. 12, Jun. 2010, p. 37-55. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/16025021.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

BRITO, Brígida. *Hard, soft ou smart power: discussão conceptual ou definição estratégica?*. Notas e Reflexões, JANUS.NET e-journal of International Relations, n.º 1, 2010. Disponível em: <<http://observare.ual.pt/janus.net/pt/26-portugues-pt/v-1-n-1-2010-outono/notas-e-reflexoes/99-hard-soft-ou-smart-power-discussao-conceptual-ou-definicao-estrategica>> Acesso em: 4 jun. 2018.

COMMONWEALTH HEADS OF GOVERNMENT MEETING. *Singapore Declaration of Commonwealth Principles* (London: Commonwealth Secretariat, 1971). Disponível em: <[www.thecommonwealth.org/shared\\_asp\\_files/uploadedfiles/%7B89D81F68-F851-43DE-B7F0-604A97424903%7D\\_Singapore%20Declaration.pdf](http://www.thecommonwealth.org/shared_asp_files/uploadedfiles/%7B89D81F68-F851-43DE-B7F0-604A97424903%7D_Singapore%20Declaration.pdf)> Acesso em: 04 de junho de 2018.

COMMONWEALTH SECRETARIAT. Londres, 2011a. Disponível em: <<http://thecommonwealth.org/our-history#12>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Londres, 2011b. 'Commonwealth Secretariat'. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100706045924/http://www.thecommonwealth.org>>.

org/document/181889/34293/35468/214257/londondeclaration.htm>. Acesso em: 04 jun. 2018.

COX, Robert. *Social Forces, States and World Orders: Beyond the International Relations Theory*. Toronto: Millenium, 1981.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. *American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950*. 2017. [249 f.]. Tese (Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, [São Paulo].

FERRER, Francisca C.; MATOS, Júlia S. *A Construção do Canal de Suez e a Formação do Conflito: a força de paz brasileira na Faixa de Gaza*. Rio Grande: Biblos, 19: 43-53, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/203/65.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 set. 2018.

FERGUSON, Niall. *Empire, The rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. Basic Books, Nova York, 2003.

GILL, Stephen. *American hegemony and the Trilateral Commission*. Toronto: CUP Archive, 1991, Vol. 5.

\_\_\_\_\_ (org.). *Gramsci, Materialismo Histórico e Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Edufrj, 2007.

HERZ, Mônica; HOFFMANN, Andrea R. *Organizações Internacionais: história e prática*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *Para onde vai o Império Americano?*. NewsLetter CELLA, 2008. Disponível em: <[http://www.cella.com.br/conteudo/conteudo\\_114.pdf](http://www.cella.com.br/conteudo/conteudo_114.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2018.

MACHADO, Gabriel L. *A difusão cultural brasileira como instrumento de política externa: estratégias contemporâneas*. Monografia (Graduação em Relações Internacionais). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

MAUAD, Ana Carolina E. *Governança global: interseções com paradiplomacia em meio à crise climática*. BIB, São Paulo, n. 78, jun. 2016, pp. 17-28.

NYE Jr., Joseph. *Soft Power: the Means to Success in World Politics*. Nova York, Public Affairs, 2004a.

———. *Power and the Global Information Age: from Realism to Globalization*. Londres, Routledge, 2004b.

ONU. *Carta das Nações Unidas*. São Francisco, 1945. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d19841.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm)> Acesso em: 04 de junho de 2018.

PEARSON, Jonathan. *Sir Anthony Eden and the Suez Crisis: Reluctant Gamble*. New York: Palgrave Macmillan, 2003. Disponível em: <[https://www.sahistory.org.za/sites/default/files/file%20uploads%20/jonathan\\_pearson\\_sir\\_anthony\\_eden\\_and\\_the\\_suez\\_cbook4you.org\\_.pdf](https://www.sahistory.org.za/sites/default/files/file%20uploads%20/jonathan_pearson_sir_anthony_eden_and_the_suez_cbook4you.org_.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2018.

SEBRAE NACIONAL. *O que é uma Organização Não Governamental (ONG)?*. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-uma-organizacao-nao-governamental-ong,ba5f4e64c093d510VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso: 1 set. 2018.

SEITENFUS, Ricardo. *Relações Internacionais*. 2º Edição. Barueri, SP: Monole, 2013.

SILVA e MELLO, Alexandre de. *Descolonização afro-asiática*. São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, 2002a. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JJK/artigos/PoliticaExterna/Descolonizacao>>. Acesso em: 02 set. 2018a.

———. *A crise do Canal de Suez*. São Paulo: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, 2002b. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JJK/artigos/PoliticaExterna/CanalSuez>>. Acesso em: 02 set. 2018.

STATUTE OF WESTMINSTER. Londres, 1931. Disponível em: <<http://www.legislation.gov.uk/ukpga/Geo5/22-23/4>>. Acesso em: 02 set. 2018.

SUNKEL, Osvaldo. *Globalização, Neoliberalismo e Reforma do Estado*. In: BRESSER PERREIRA, L. C. et al. *Sociedade e Estado em transformação*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Enap, 1999.

TAAGEPERA, Rein. *Expansion and Contraction Patterns of Large Polities: Context for Russia*. *International Studies Quarterly* Vol. 41, No. 3 (Sep. 1997), pp. 475-504.

*THE CROWN* (2ª Temporada, ep.1). Direção: Philip Martin e Stephen Daldry. Produção: Peter Morgan e Stephen Daldry. Cambridgeshire: Netflix, 2017. 4 nov. 2017a. Websérie. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80025678>> . Acesso em: 01 set. 2018.

*THE CROWN* (2ª Temporada, ep.2). Direção: Benjamin Caron (III), Julian Jarrold e Stephen Daldry. Produção: Andrew Eaton e Michael Casey (V). Cambridgeshire: Netflix, 2016. 4 nov. 2017b. Websérie. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/80025678>>. Acesso em: 01 set. 2018.

ZANATA, Joel. *“Em defesa da paz”: a crise do canal e a participação do batalhão Suez e seus contingentes gaúchos a serviço da ONU no oriente médio (1957-1967)*. 54f. Monografia (Graduação em História). Porto Alegre: PUCRS, 2012.